1. Introdução

1.1 Nome e Verbo

Numa primeira abordagem, a relação nome-verbo muito se assemelha à dialética das coisas da natureza como o dia e a noite, a vida e a morte, a dor e o prazer, e assim por diante, já que representam polos bem distintos e exercem funções distintas.

Neste sentido, percebemos nomes e verbos como os principais componentes de uma língua. Tradicionalmente, entendemos que, no léxico os nomes existam para designar seres ou entidades, enquanto os verbos representam ações ou processos em que se envolvem tais seres ou entidades. As outras classes gramaticais, como adjetivos, advérbios, ou seja, os modificadores, serviriam para que as ações e propriedades desses mesmos seres pudessem ser descritas com mais detalhamento e/ou expressividade.

Ocorre, entretanto, que, pela necessidade de nos referirmos genericamente ao que os verbos denotam, palavras novas são criadas a partir deles, através da adição de sufixos nominalizadores como em *gravar/gravação*, *julgar/julgamento*, ou por derivação regressiva como em *fugir/fuga*. Assim, as nominalizações são entendidas como substantivos criados a partir de verbos por motivos específicos, através de recursos morfológicos, e, apesar de serem substantivos, podem ter interpretação nominal ou verbal.

1.2 A relação *Nome-Verbo* e seu tratamento na Morfologia e no Léxico

Em relação à proposta teórica que subjaz nossa pesquisa, consideramos o fenômeno da nominalização de um modo geral, não apenas como processo de formação de palavras a partir de verbos ou como associações idiossincráticas, mas, principalmente, enquanto uma relação paradigmática existente entre verbos e nomes, nomes e adjetivos, adjetivos e advérbios e, assim por diante. Consideramos, por conseguinte, o léxico tendo por característica um dinamismo interno próprio que possibilita associações entre seus componentes, permitindo

desta maneira a criação de conexões de ordem paradigmática, conforme Basílio (1980, p.81).

As nominalizações são motivadas, por exemplo, pela necessidade de nos referirmos ao evento ou efeito indicado pelo verbo, num momento posterior a sua menção. É o caso da motivação textual ou anáfora, como em (1):

(1) Para gravar “Corrente”, Chico chamou o MPB4. A **gravação** durou horas.

Em (1), para referirmos ao evento indicado pelo verbo “gravar” é motivada a nominalização “gravação”, neste caso através do recurso morfológico de adição do sufixo *-ção* à base verbal.

As nominalizações podem, também, ter motivação semântica, que é a utilização do significado verbal para designar conceitos em si ou entidades, como em (2):

(2) Odeio violência e **destruição**¹.

Em (2), a nominalização “destruição” é usada apenas como noção geral de destruir, sem qualquer tipo de especificação.

Outro fator de motivação é o gramatical, que vem a ser a adaptação do verbo a um contexto sintático que pede substantivo, como vemos em (3):

(3) Chico Buarque fez várias **composições** no feminino.

Em (3), em lugar de compor é usada a expressão “fazer uma composição”, cuja estrutura, “fazer (det) SN” exige um substantivo.

Além de motivação, as nominalizações apresentam a desverbalização como característica. Queremos dizer que, pela natureza dos verbos, há a obrigatoriedade de se especificarem as categorias de tempo, modo e número-pessoa, bem como sujeito e complementos em seu uso. Porém, quando da transformação de verbo para substantivo, esta obrigatoriedade deixa de existir, ocorrendo a desverbalização, conforme vemos abaixo:

1 - Exemplo de Basílio.

(4) a. A **declaração** do delegado de que a polícia não descansaria enquanto não desmantelasse todas as quadrilhas que atuavam na periferia tranquilizou temporariamente os cidadãos.

b. A **declaração** de que a polícia não descansaria enquanto não desmantelasse todas as quadrilhas que atuavam na periferia tranquilizou temporariamente os cidadãos.

c. A **declaração** do delegado tranquilizou temporariamente os cidadãos.

d. A **declaração** tranquilizou temporariamente os cidadãos.

Em (4a), (4b), (4c) e (4d) vemos possibilidades de ocorrerem nominalizações com ou sem menção do sujeito, do objeto ou de ambos, porque estes aqui são apenas requisitos de informação e, não, por força gramatical. Quando da mudança de classe, de verbo para substantivo, as nominalizações perdem as características verbais como as de transitividade sintática de caráter obrigatório, sendo possível, entretanto, mencionar seus complementos apenas como detalhamento de informação. Assim é que todas as sentenças acima são possíveis (Basílio, 2004).

Há muitos recursos morfológicos empregados para o processo de formação de substantivos deverbais, mas a adição de sufixos nominalizadores como *-ção* e *-mento* às bases verbais, bem como a derivação regressiva, são os mais produtivos. O infinitivo impessoal, por sua vez, é o único tipo de formação que não sofre propriamente transformação morfológica por ser a própria forma verbal no infinitivo, mas sua utilização é nominal e apresenta propriedades análogas aos deverbais mais comuns, como a mudança de classe.

A relação entre nomes e verbos pode ser abordada de diferentes perspectivas. Neste trabalho, nosso interesse central é examinar um aspecto dessa relação em Inglês e Português. Com esta finalidade, discorreremos sobre diferentes abordagens da nominalização nos capítulos 2 e 3. No capítulo 4, abordaremos a questão central do trabalho, a nominalização em Português e Inglês. Os capítulos seguintes se dedicam à análise de ocorrências e nossas conclusões.

A seguir, passaremos a ver com mais detalhamento a relação nome/verbo, primeiramente pela ótica do lexicalismo gerativista, desenvolvido a partir da Hipótese Lexicalista proposta por Chomsky em 1970. Em sequência, faremos uma breve exposição da visão de Langacker (1991) sobre a relação nome-verbo em sua Gramática Cognitiva, seguida pelo funcionalismo-sistêmico de Halliday (1994) para, finalmente, observarmos a convergência das duas últimas abordagens teóricas no tratamento da nominalização pelo funcionalismo-cognitivista de Liesbet Heyvaert (2003).